

Ocupação desenvolve a Amazônia

Roberto Hillas

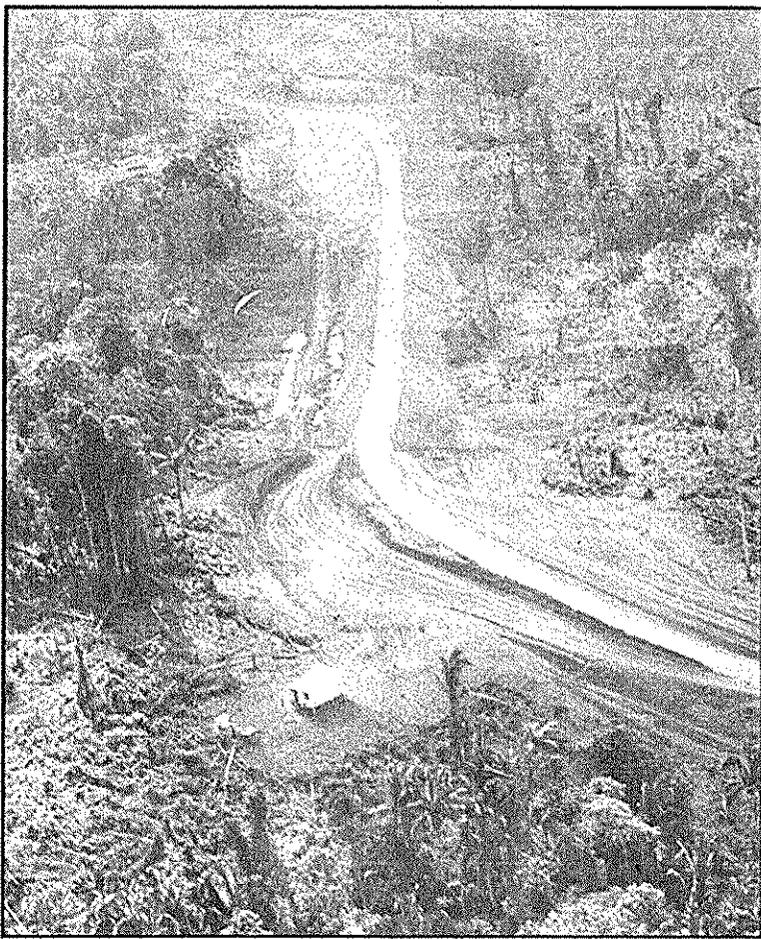
A Amazônia já não é um vazio demográfico. Em que pesem os problemas como da violência e da precariedade da presença do Estado na região, ela já existe economicamente. Seja porque se ocupou margens de rodovias precárias como BR-364 (Cuiabá-Porto Velho), Porto Velho-Manaus, Cuiabá-Santarém, Transamazônica e os pedaços que ainda existem da Perimetral Norte, seja porque existem Carajás, Alubrás, Alunorte, Tucuruí, ou porque a Zona Franca de Manaus transformou-se num importante pólo econômico de eletrônica, a Amazônia está inserida no mapa econômico brasileiro.



A luta pela preservação ambiental — que quer a Amazônia intocada — terá que ser revista em sua estratégia, porque os cinco milhões de amazônidas não se deixam abater pelas acusações de predadores do meio ambiente. A situação dos mais de 600 mil moradores das margens da Transamazônica é constrangedora: produzem 25 mil toneladas de cacau por ano, abastecem 92 indústrias madeireiras da área, colhem 14 mil toneladas de pimenta do reino, nove mil toneladas de café, seis toneladas de ouro, criam 400 mil cabeças de bovinos — sem contar com a energia elétrica de Tucuruí, com a usina açucareira Henrique Dantas fechada (a única da região — criada para produzir dois milhões de litros de álcool carburante e cem mil sacos de açúcar).

Praticamente tudo os que os agricultores das margens da Transamazônica produzem têm que consumir, e rapidamente, por falta de armazenagem e estradas de escoamento: a Transamazônica está abandonada desde o final dos anos 80. Os moradores da região precisam recuperar 2 mil 840 quilômetros de estradas vicinais, que mais parecem caminhos dos tempos dos primeiros desbravadores, no

ARQUIVO 11/1/73



A Transamazônica é o símbolo da precariedade da região

século 17; precisam reconstruir outros 1 mil 660 quilômetros de vicinais, e recuperar mil quilômetros de rodovia, cujo leito foi arrastado pelas águas das chuvas, ao longo dos últimos 20 anos, sem reparo adequado.

Ainda hoje o escoamento das safras, na Transamazônica, é feito em lombo de animais. No verão as estradas viram um poeiral, no inverno um lamaçal imenso. São somente três hospitais públicos, com só nove médicos, para atender 415 mil habitantes, no trecho Pacajás a Itaituba, no Pará, o que recebeu maior número de migrantes gaúchos na Transamazônica. As crianças morrem numa proporção só igualada, nas Américas, pelo paupérrimo Haiti; 37 por cento da população continua analfabeta, 75 mil crianças nunca foram à escola.

A região compreende os municípios de Altamira, Medicilândia, Uruará, Rurópolis e Itaituba — rica em ouro e outros minérios, além de ter terras com suficientes manchas de terra ro-

xa para comportar investimentos de infra-estrutura. Em Itaituba existem mais de 500 garimpos, onde atuam mais de cem mil garimpeiros (houve época que chegaram a 190 mil); em Altamira existe cinco garimpos de ouro e um de cassiterita. Na área atuam 380 agências compradoras de minérios. A região tem seu próprio calcário, de uma jazida existente em Itaituba. Mas ainda existe calcário em Rurópolis, Uruará e Medicilândia.

Entretanto, até hoje a linha de Tucuruí até Itaituba não serve aos municípios da região, que para disporem de energia elétrica precisam queimar derivados de petróleo em geradores térmicos. As principais vítimas da falta de uma energia elétrica abundante e a preço adequado são as empresas: Na área existem pequenas e médias indústrias de bebidas, torrefadoras de café, fábrica de carrocerias, frigoríficos, fábrica de tanques e pias, muitas beneficiadoras de arroz e 92 indústrias madeireiras.

Região revela clima instável

A Amazônia ainda é uma interrogação, do ponto de vista ecológico. A estrada Porto Velho — Manaus foi construída com tecnologia adaptada ao clima equatorial, com chuvas intermitentes e fortes durante seis meses no ano, mas não resistiu. Já a BR-364, no trecho construído por batalhões de engenharia do Exército, demonstra qualidade e resistência. Balbina foi construída para um volume de água que não apareceu, e hoje gera menos de um terço do potencial instalado; Tucuruí era até recentemente um símbolo da ocupação ordenada da Amazônia, só que suas margens hoje se constituem na origem de uma praga — dos mosquitos.

Milhões e milhões de insetos infernizam a vida dos que moram nas proximidades do grande lago da barragem de Tucuruí. A água empoçou e só há renovação do vão central, onde antigamente corria o rio Tocantins. Na parte empoçada, a água apodreceu.

Plantar dendê é alternativa

O dendê, vegetal capaz de gerar um grande número de derivados, como óleo combustível (tipo diesel) e proteína para ração animal, e mais margarina, sabão, anticorrosivos, detergente, cosméticos etc, e que deverá ser cultivado em grande escala na região, será plantado a par da determinação técnica de como isso será possível com um mínimo de convivência com a natureza, com um mínimo de impacto ambiental.

Nos plantios de cacau na Amazônia, as folhas que caem, sejam elas isentas de doenças ou atacadas pelo fungo "vassoura de bruxa", não se decompõem, mesmo depois de cinco ou mais anos que estão sobre o solo. Como o cultivo do cacau é o do tipo tradicional, homogêneo, sem intercalares de outras variedades vegetais diversas ou de pedaços da própria floresta, não há no solo microrganismos que atuem na decomposição.

Incrá tem planos para sem-terra

A reforma agrária e os projetos de assentamento de colonos estão entre os projetos do Incra para a região Amazônica. O novo superintendente do Incra no Pará, Asdrubal Bentes, acha que a prioridade é assentar as quase 15 mil famílias de agricultores sem-terra que já existem no Pará, nas áreas desapropriadas durante o governo do ex-presidente José Sarney, no chamado Polígono dos Castanheais.

Bentes, uma especialista em problemas agrários, que o presidente Sarney colocou à frente do Getat, organismo vinculado ao Conselho de Segurança Nacional (já extinto) da Presidência da República que cuidava da regularização fundiária na região conturbada do Bico do Papagaio, assumiu o cargo na última quarta-feira, pedindo verbas suplementares. Ele carece de recursos para, inclusive, interiorizar o Incra no estado.

Ele é de opinião que qualquer projeto de desenvolvimento da Amazônia tem que resolver o problema da disputa pela terra. O Incra terá de assentar sem-terras, proporcionar

condições para que os migrantes comprem terras do estado, regularizar os agricultores já assentados, titular quem ainda não tem o título de propriedade, construir vicinais, auxiliar na implantação de uma rede armazenadora de safras e de um sistema de assistência técnica.

Com a experiência de quem lida com problemas pela terra há mais de 20 anos, Bentes reclama do fato de o Incra ser acusado, há décadas, de vilão do problema agrário. "Ele é o bode expiatório" — enfatiza, "e não pode resolver os problemas que causam a violência rural sem recursos. Um dos projetos que ele quer retomar está paralisado desde quando o Getat foi extinto, em meados de 1985. Os colonos não dispõem até hoje de infra-estrutura básica.

O problema para a retomada do desenvolvimento da Amazônia, via agricultura, esbarra na falta de recursos. Bentes reconhece que é caro assentar uma família na Amazônia, cerca de 12 mil dólares. Solução existe, mas precisará de financiamento inicial: ele é de opinião que a

família beneficiada terá de pagar pela terra. Com o pagamento, o financiamento estará sendo ressarcido. As vicinais, por exemplo, poderão ser financiadas assim.

Ele entende que sem uma perfeita integração entre os órgãos do Governo Federal, e do Incra com os governos estaduais da Amazônia, nada funcionará. Um projeto de desenvolvimento econômico da Amazônia exige, conforme explica, ação conjunta das áreas de Educação, Saúde, Previdência Social, Agricultura e Transportes. Sem essa ação, está acontecendo a favelização dos projetos de assentamento, com o agravante que as famílias estão em regiões remotas.

O quadro que irá encontrar no estado do Pará é desalentador. As famílias que ele mesmo assentou, na área do Bico do Papagaio, estão sem escolas, sem postos de saúde, sem farmácia, sem mercado para fornecer o que precisam e sem mercado consumidor para o que produzem. A malária mata; as famílias fogem para as cidades próximas, quando podem.

Malária virou doença comum

Junto com a floresta submersa formou-se o habitat para uma variedade de mosquitos, entre eles os transmissores de doenças como malária e dengue. A água apodreceu tanto que os peixes, inimigos naturais dos insetos aquáticos, fogem da área. Os prefeitos da região já falam em decretar estado de calamidade pública, se a temporada de chuvas que começa agora não modificar o quadro.

Os amazônidas estão mais conscientes de que se tem que trabalhar de acordo com a natureza, se quiserem efetivamente desenvolver a região. O que preservacionistas e ambientalistas pretendem, os amazônidas lutam há muito tempo, só não tiveram condições de redigir um discurso que ganhasse repercussão na mídia. Os ecologistas conseguiram tirar estes amazônidas do anonimato.